

## COMENTÁRIOS AO EXERCÍCIO DE TRANSCRIÇÃO

A seguir, detalharemos as equivalências entre palavras representadas por grafemas tradicionais < > e por grafemas do IPA numa transcrição ampla [ ]:

(a) os grafemas <f>, <v>, <p>, <b>

**Fala** [ˈfala]

**Vila** [ˈvila]

**Pata** [ˈpata]

**Bata** [ˈbata]

A indicação do acento tônico é obrigatória em IPA para as palavras em português. É feita por meio do símbolo [ˈ], conhecido como *icto*, antes da *sílaba* tônica (e não antes da vogal tônica, muito menos depois dela). Essa indicação é a recomendada pelo IPA, embora haja contradição teórica (o conceito de sílaba é fonológico e não fonético).

Como dito acima, trata-se de uma equivalência entre grafemas e não de uma transcrição fonética *stricto sensu*. Um falante do sul do Ceará poderá pronunciar “cavalo” como [kaˈxalu]. A forma em IPA ao lado da escrita tradicional é uma *representante de uma possível pronúncia*, no caso, uma bastante familiar aos falantes de Português Brasileiro. No entanto, a palavra “fala” e a palavra “vila” também poderiam ser pronunciadas como [ˈfale] ou [ˈvile], com a vogal átona semiaberta em vez de aberta. Conclui-se, portanto, que o [a] utilizado nas sílabas átonas das transcrições acima estejam seguindo uma *transcrição ampla*, isto é, [a] equivale ao [a] aberto e ao [e] semiaberto. Em Portugal, qualquer <a> átono (com raras exceções explicadas pela linguística diacrônica) é realizada como [e], não só as pretônicas e as seguidas de nasal: “falava” [feˈlave]. O som [b] intervocálico também se modificou para fricativa bilabial no português europeu [β] e, em alguns locais, perdeu a sua distinção com [v]: “acaba” [eˈkaβe]

(b) os grafemas <ó>, <ô>, <o>, <é>, <ê>, <e>

**Fé** [ˈfɛ]

**Lê** [ˈlɛ]

**Avó** [aˈvɔ]

**Avô** [aˈvɔ]

**Bolo** [ˈbolu]

**Bola** [ˈbɔla]

**Selo** [ˈselu]

**Elo** [ˈɛlu]

**Ele** [ˈɛli]

**Ela** [ˈɛla]

O grafema <o> em português não deve ser confundido com o símbolo [o], pois a letra pode representar três sons distintos: [u] fechado, [o] semifechado e [ɔ] semiaberto. Também o grafema <e> pode representar [i] fechado, [e] semifechado, [ɛ] semiaberto.

Pronúncias como [ˈbolɔ] e [ˈelɪ] também existem nas átonas postônicas, mas concluímos que talvez não sejam as formas mais adequadas numa transcrição ampla, porque a diferença entre [u] e [ʊ] ou entre [i] e [ɪ] nem sempre é de fácil percepção para a média dos ouvintes e seu uso pode facilmente adquirir contornos normativos desejáveis mesmo em situações em que esses sons não são aplicáveis numa transcrição. Seu uso generalizado pode produzir transcrições de pronúncias inexistentes, por exemplo, parece inadequado transcrever o <e> postônico sempre como [ɪ] tanto em “fome” [ˈfɔmɪ] quanto em “sede” [ˈsedɜɪ], pois a primeira realização é muito comum, mas a segunda não, pois é mais comum, estritamente falando, uma pronúncia como [ˈsedʒi]. Em Portugal, em qualquer átona (salvo exceções explicadas pela linguística diacrônica), o <o> corresponde a [u] e o <e> a [ə], vogal central semifechada conhecida como *schwa*, que costuma desaparecer na pronúncia: “aquele” [aˈkelə] ou mesmo cair [aˈkel]. No português europeu, o <e> átono também pode ser pronunciado como vogal central fechada [ɨ] antes de consoantes palatais: “pescador” [pɨʃkəˈðɔr]. O <e> átono inicial em Portugal é sempre pronunciado [i]: “elefante” [iləˈfɛt]. Em algumas regiões do Brasil, sobretudo no Sul, o <e> e o <o> postônico podem também equivaler respectivamente aos sons [e] e [o]: “bolo” [ˈbolo], “ele” [ˈele].

Observe que, apesar de <ô> ter um equivalente costumeiro como [o], o importante é representar o que de fato ocorre na fala, assim sendo, parece mais frequente em algumas palavras pronúncias como a seguir, em algumas normas regionais do português:

**Quilômetro** [kiˈlɔmetru]

(c) os grafemas <i>, <í>, <u>, <ú>

**Itu** [iˈtu]

**Ali** [aˈli]

**Única** [ˈunika]

**Pílula** [ˈpilula]

Observe que não há diferenças alográficas nos grafemas do IPA e, portanto, não existe a diferença entre letras maiúsculas e minúsculas, negrito, itálico, fontes distintas etc.

(d) os grafemas <h>, <nh>, <lh>, <ch>

**Húmus** [ˈumus]

**Olho** [ˈoʎu]

**Linha** [ˈliɲa]

**Chinelo** [ʃiˈnelu]

As chamadas *letras mudas* não são representadas em IPA. Os chamados *dígrafos* (duas letras que representam um só som) também equivalem a um único símbolo, como mostram os exemplos acima. Atenção especial para o símbolo IPA [ʎ]: não devemos confundir-lo com a letra grega *lambda* <λ>. Em muitas regiões da lusofonia há perda de oposição entre a lateral palatal [ʎ] e a semivogal [j]. Muitos falantes não realizam o fonema /ʎ/ como lateral palatal, mas como lateral palatalizada [ʎ̃], mas esse tipo de notação deve aparecer apenas em transcrições estreitas. A despatalização ocorre esparsamente em algumas palavras, como na palavra

“mulher” [mu'le] em variantes nordestinas, ou na palavra “companhia” [kõpe'nia] ou [kõpe'nia]. A articulação precisa do som [j] é pré-palatal (ou pós-alveolar) mas também ocorre a pronúncia pós-palatal (ou pré-velar), embora muitas línguas façam essa distinção (como a distinção entre os grafemas <щ> e <ш> do russo para alguns falantes), não se trata de algo claramente perceptível para um falante de português.

(e) os grafemas <ss>, <ç>, <sc>, <sç>, <xc>

**Oso** ['osu]

**Assa** ['asa]

**Moça** ['mosa]

**Fresco** ['fresku]

**Descer** [de'ser]

**Desça** ['desa]

**Exceto** [e'setu]

Estes dígrafos também equivalem a símbolos unitários em IPA. No caso de <sc>, só teremos um dígrafo quando a letra seguinte não for <e>, <ê>, <é>, <i>, <í>. Nos demais casos temos uma sequência de grafemas <s> + <c> como se pode ver acima, comparando-se as palavras “fresco” e em “descer”. No português europeu, estes casos não são dígrafos, pois “descer”, “desça” e “exceto” se pronunciam com frequência respectivamente [deʃ'ser], [deʃse], [iʃ'setu]. Em algumas regiões brasileiras, como no Rio de Janeiro, também é comum a pronúncia [deʃ'ser]. Há regiões de Portugal que distinguem fonologicamente os sons que equivalem a <s> e <ç>, sendo a primeira apicoalveolar e a segunda dorsoalveolar. No português padrão, contudo, a pronúncia dorsoalveolar é mais comum, embora muitas áreas de Portugal pronunciem apenas o som apicoalveolar (o chamado “s beirão”), que é representado [s̺].

(f) os grafemas <r>, <rr>

**Hora** ['ɔra]

**Rota** ['hɔta]

**Carro** ['kahu]

**Pobre** ['pɔbri]

**Lerdo** ['lɛrdu]

**Partir** [par'tʃir]

Estas formas apresentadas acima (conhecidas de forma imprópria como “róticos”), como em todos os demais casos, são meros *representantes* de uma pronúncia possível. Na verdade, trata-se de dois fonemas distintos, com comportamento complexo na língua portuguesa: o *tap* dental ou alveolar [r] acima representado pode ser substituído por uma aproximante alveolar [ɹ], por um *tap* retroflexo [ɽ] ou por uma aproximante retroflexa [ɻ] na posição de ataque (isto é, no início da sílaba). Já na posição de coda (isto é, em final de sílaba), além dessas variações, pode ser substituído por uma laringal surda [h] ou por uma fricativa velar surda [x]. Já o símbolo representado como [h] nas letras acima pode ser substituído por uma fricativa velar surda [x], por um *trill* alveolar ou dental [r] ou ainda por um *trill* uvular [ʀ]. É bastante comum a realização do primeiro fonema também como fricativa velar sonora [ɣ], fenômeno conhecido como “língua presa”, por exemplo, “prato” [pɣatu]. Por fim, os -r de infinitivos verbais muitíssimo frequentemente podem ser letras mudas no português brasileiro. Por fim, há regiões do Brasil

(sobretudo no sul do país) que parecem neutralizar a distinção entre os dois fonemas em qualquer posição e não só na coda silábica.

(g) os grafemas <s>, <z>, <j>

**Sapo** ['sapu]  
**Rosa** ['hɔza]  
**Asa** ['aza]  
**Festa** ['festa]  
**Aspas** ['aspas]  
**Casca** ['kaska]  
**Vesgo** ['vezgu]  
**Desdenhar** [dezde'nar]  
**Asno** ['aznu]  
**Asma** ['azma]  
**Jiló** [ʒi'lo]  
**Zero** ['zɛru]  
**Feliz** [fe'lis]

Observe que há uma tendência a neutralizar a oposição fonológica entre /z/, /s/, /ʃ/ e /ʒ/ no final absoluto das palavras (representado como \_#). Há predominância de formas surdas nesse caso: “feliz”, por exemplo, se diz [fe'lis] ou [fe'liʃ]. Em posição de coda seguido de consoante, o traço de sonoridade é compartilhado: antes de consoantes surdas, realiza-se [s] ou [ʃ] e antes de consoantes sonoras, realiza-se [z] ou [ʒ]: “festa” ['festa] ou ['fɛʃta], “vesgo” ['vezgu] ou ['vezʒu]. Em Portugal, no Rio de Janeiro, algumas regiões de colonização açoriana, em Manaus, no Pará e em algumas áreas da zona oriental nordestina, as realizações [ʃ] e [ʒ] ocorrem antes de qualquer consoante e no final absoluto. Em São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e algumas regiões do Centro Oeste e Santa Catarina, apenas existem as formas [s] e [z] nas codas. Mas há extensas regiões onde estes dois padrões se misturam, havendo preferência para [ʃ] e [ʒ] antes de dentais/alveolares. Não são incomuns no Brasil, realizações idioletais [θ] e [ð] para os fonemas /s/ e /z/ respectivamente (fenômeno vulgarmente conhecido como “língua presa”). Em Portugal também existe a pronúncia apicoalveolar [ʒ].

(h) os grafemas <c>, <g>

**Caça** ['kasa]  
**Casa** ['kaza]  
**Seca** ['seka] ou ['sɛka]  
**Cebola** [se'bola]  
**Cinema** [si'nema]  
**Crise** ['krizi]  
**Gelo** ['zɛlu]  
**Galo** ['galu]  
**Giz** ['zis]  
**Governo** [go'vernu]  
**Grupo** ['grupu]

Os grafemas <s> e <g> equivalem, cada um, a dois fonemas distintos na língua portuguesa, dependendo da letra seguinte. É preciso atenção redobrada nesses casos. Uma sutileza: o símbolo utilizado pelo IPA para a plosiva velar sonora é sempre [g], e nunca “[g]” como é mais comum na grafia tradicional. O som [g] intervocálico modificou-se para fricativa velar [ɣ] em português europeu.

(i) o grafema <u>

**Baú** [ba' u]  
**Mau** [' maw]  
**Água** [' agwa]  
**Lua** [' lua]  
**Légua** [' lɛgwa]  
**Cacatua** [kaka' tua]  
**Agiu** [a' zi w]  
**Céu** [' sɛ w]  
**Aurora** [aw' rɔ ra]  
**Árduo** [' ardu w]  
**Rio** [' hi w]  
**Riu** [' hi w]

O grafema <u> equivale também dois fonemas, a saber, a vogal /u/ e a semivogal /w/, conhecida como *vau*. Toda vogal é fonologicamente centro de sílaba, mesmo que seja uma sílaba átona. A semivogal pertence ou ao início da sílaba (ataque silábico) ou ao final dela (coda) e nunca é centro de sílaba. As semivogais, portanto, estão sempre ao lado de uma vogal e formam os chamados *ditongos*. Apesar de ser uma questão fonológica, há símbolos separados no IPA. Essa contradição é compensada pela praticidade, uma vez que não indicar distinções entre vogal/semivogal ou não marcar a tonicidade da sílaba, apesar de mais coerente com a proposta de representação da materialidade fonética, inutiliza em parte a representação grafêmica do IPA, pois tanto “cai”, quanto “caí” não poderiam ser representados diferentemente, se questões como sílaba ou tonicidade são do terreno da fonologia. Decorrente das premissas acima, deduz-se que uma semivogal não é nem tônica nem átona, mas sempre subordinada ao núcleo silábico (vocálico, no caso do português, embora isso não seja universal, por exemplo, em tcheco, “garganta” se diz *krk*). Outra conclusão é que, em português, o número de sílabas é equivalente ao número de vogais (excluindo-se necessariamente as semivogais): na grafia “mau” temos dois grafemas vocálicos, mas apenas uma sílaba, porque, fonologicamente só existe uma vogal /a/, à qual no ataque silábico antecede uma consoante /m/ e na coda, uma semivogal, /w/. Por razões métricas, muitas vezes as semivogais se tornam vogais para compor um número determinado de sílabas num poema, assim, somente nesses casos bastante artificiais, “légua” pode ter duas ou três sílabas e sua representação seria, portanto, no primeiro caso [' lɛgwa] mas no segundo, [' lɛgua], ou seja, com três sílabas, cada uma com um núcleo vocálico – na representação que marcaria separações silábica, teríamos [' lɛ.gu.a]. Curiosamente, há falantes que distinguem as palavras “Rio” e “riu”: a primeira palavra seria pronunciada [' hiu] ou [' hiju]. Na fala, o centro silábico pode variar: “árduo” pode ser pronunciado não só como [' arduu] ou [' arduo] com três sílabas (numa pronúncia “cuidada”) mas também [' arduw] (como se fosse “árdul”) ou ainda [' ardu]. Essa última pronúncia é rara, pois a palavra não tem *frequência de uso* suficiente para a redução de [wu] > [u] como ocorre com palavras mais corriqueiras. Observe que em palavras como “cacatua” temos o contato de duas vogais em duas sílabas diferentes,

portanto, uma transcrição como “[kaka'twa]” tem grande chance de ser um erro, pois equivaleria graficamente a “cacatuá”. Tampouco há a possibilidade de haver sílabas com semivogais, sem nenhuma vogal, quer no meio da palavra, quer no final dela e representações desse tipo são errôneas. A semivogal, do ponto de vista da fonética articulatória, é indistinguível da vogal, de modo que também é errado o uso do símbolo [w] para representar um [u] com poucos índices de intensidade ou de velocidade. Representações de ditongos com [w] também estão erradas, pois algo como “[a<sup>w</sup>]” equivaleria a uma coarticulação impossível de [a] e [w]. Notações da transcrição estreita como [ˈag<sup>w</sup>a] para “água” significam que [g] e [w] são articuladas simultaneamente (*coarticulação*), mas isso é impossível entre dois sons vocálicos. Uma transcrição de “bolo” como [ˈbol<sup>w</sup>] significa que a palavra tem uma só sílaba e sua coda é uma coarticulação de [l] e [w] (ou seja, uma lateral velarizada), mas não é de modo algum uma boa representação para um [u] muitíssimo breve, ensurdecido ou com pouca intensidade. Outro erro comum, advindo das transcrições da língua inglesa, é a confusão entre o símbolo [w] e [ʊ] (vogal intermediária entre fechada e semifechada). Uma palavra como “mau” não pode ser transcrita como [ˈmaʊ] pois isso equivaleria a dizer que a palavra tem duas sílabas. Em inglês isso é permitido porque entre os ditongos ingleses, o som [ʊ] atua como semivogal, o qual numa transcrição estreita equivale a [ɥ]: esse é o diacrítico utilizado para semivogais menos usuais. De fato, pelo IPA, o símbolo [w] é uma alternativa para [ɥ] mas não para [ʊ].

(j) o grafema <i>

**Caí** [ka'i]  
**Cai** [ˈkaj]  
**Saía** [sa'ia]  
**Saia** [ˈsaja]  
**Azia** [a'zia]  
**Ásia** [ˈazja]  
**Maria** [ma'ria]  
**Márcia** [ˈmarsja]  
**Bairro** [ˈbajhu]  
**Feio** [ˈfeju]  
**Seita** [ˈsejta]  
**Dói** [ˈdɔj]  
**Azuis** [a'zujɫs]  
**Papéis** [pa'pejɫs]  
**Série** [ˈserji]  
**Sério** [ˈserju]  
**Cuiabá** [kuja'ba]  
**Piauí** [pia'wi]  
**Goiás** [go'jas]

O grafema <i> equivale também a dois fonemas, a saber, a vogal /i/ e a semivogal /j/, conhecida como *iode*. Como no caso anterior, toda vogal é fonologicamente centro de sílaba, mesmo que seja uma sílaba átona. A semivogal pertence ou ao início da sílaba (ataque silábico) ou ao final dela (coda) e nunca é centro de sílaba. As semivogais, portanto, estão sempre ao lado de uma vogal e formam os chamados *ditongos*. Decorrente das premissas acima, deduz-se que uma semivogal não é nem tônica nem átona. Outra conclusão é que, em português, o número de sílabas é equivalente ao número de vogais: na grafia “cai” temos dois grafemas vocálicos, mas

apenas uma sílaba, porque, fonologicamente só existe uma vogal /a/, à qual no ataque silábico antecede uma consoante /k/ e na coda, uma semivogal, /j/. Por razões métricas, muitas vezes as semivogais se tornam vogais para compor um número determinado de sílabas num poema, assim, somente nesses casos bastante artificiais, “Ásia” pode ter duas ou três sílabas e sua representação seria, portanto, no primeiro caso [ˈazja] mas no segundo, [ˈazia], ou seja, com três sílabas, cada uma com um núcleo vocálico [ˈa.zi.a]. Na fala, o centro silábico pode variar: “série” pode ser pronunciado não só como [ˈsɛrji] ou [ˈsɛrje] com três sílabas (numa pronúncia “cuidada”) mas também [ˈsɛrij] ou ainda [ˈsɛri]. Essa última pronúncia é bastante frequente, pois a palavra tem *frequência de uso* suficiente para a redução de [ji] > [i] mas isso não ocorre com palavras menos corriqueiras (como “intempérie”). A palavra “Piau” transcrita como [piaˈwi] tem três sílabas, mas pode ter duas [pjaˈwi] ou quatro [piauˈi]; a sílaba tônica também pode ser [ˈwi] como se vê acima ou ainda [ˈi] antecedida da sílaba [aw]: [piawˈi]. Palavras como “feito” transcritas como [ˈfeju] podem ter também diferenças na última sílaba, que pode ser [ju]: [ˈfe.ju] ou [u]: [ˈfej.u]; pode ainda ter dois ditongos, um decrescente e um decrescente, pertencendo a sílabas distintas [ˈfej.ju]. Normalmente o ponto que marca separação de sílabas não é necessário em IPA a não ser que essas distinções sejam importantes em algum estudo. Como se verá abaixo, existem ditongações comuns que não são representadas pela escrita tradicional, como no caso de “Goiás” [goˈjajs] em que o segundo iode não tem nenhuma representação gráfica. A distinção entre vogal e semivogal deve ser respeitada: uma palavra como “Maria” não pode ser transcrita como “[maˈrja]”, que é uma transcrição mais adequada para algo como “mariá”. Tampouco há a possibilidade de haver sílabas com semivogais, sem nenhuma vogal, quer no meio da palavra, quer no final dela e representações desse tipo são errôneas. A semivogal, do ponto de vista da fonética articulatória, é indistinguível da vogal, de modo que também é errado o uso do símbolo [j] para representar um [i] com poucos índices de intensidade ou de velocidade. Representações de ditongos com [ɨ] também estão erradas, pois algo como “[aɨ]” equivaleria a uma coarticulação impossível de [a] e [j]. Notações da transcrição estreita como [ˈazʲa] para “Ásia” significam que [z] e [j] são articuladas simultaneamente, mas isso é impossível entre dois sons vocálicos. Uma transcrição de “come” como [ˈkɔmɨ] significa que a palavra tem uma só sílaba e sua coda é uma coarticulação de [m] e [j] (ou seja, uma nasal palatalizada), mas não é de modo algum uma boa representação para um [i] muitíssimo breve, ensurdecido ou com pouca intensidade. Outro erro comum, advindo das transcrições da língua inglesa, é a confusão entre o símbolo [j] e [ɨ] (vogal intermediária entre fechada e semifechada). Uma palavra como “cai” não pode ser transcrita como “[ˈkaɨ]” pois isso equivaleria a dizer que a palavra tem duas sílabas. Em inglês isso é permitido porque entre os ditongos ingleses, o som [ɨ] atua como semivogal, o qual numa transcrição estreita equivale a [ɨ̥]. De fato, pelo IPA, o símbolo [j] é uma alternativa para [ɨ̥] mas não para [ɨ̥].

(k) os grafemas <qu>, <gu>

**Quase** [ˈkwazi]

**Quero** [ˈkɛru]

**Quis** [ˈkis]

**Oblíquo** [oˈblikwu]

**Sagui** [saˈgwi]

**Guia** [ˈgia]

**Líquido** [ˈlikidu] ou [ˈlikwidu]

**Aquífero** [aˈkwiferu]

É preciso distinguir os casos de dígrafos dos de sequência de letras, uma vez que a última reforma ortográfica da língua portuguesa aboliu o trema, que ainda era usado no Brasil (mas não em Portugal). Alguns autores preferem transcrever palavras em que esses dígrafos são seguidos de [e], [ɛ], [i], [j] não com [k] ou [g] mas com os símbolos [ç] ou [j]: “quero” [ˈçɛru], “quis” [ˈçis], “guia” [ˈjia]. Talvez isso seja mesmo o caso de se fazer numa transcrição estreita, já numa transcrição ampla, a diferença entre [k] velar e [ç] pós-palatal (ou pré-velar) e entre [g] velar e [j] pós-palatal (ou pré-velar) é imperceptível na maioria das línguas oficiais de origem europeia (como também é o caso das variantes do português dentro da lusofonia, o que inclui o português brasileiro), de modo que não faremos a distinção entre os sons [k] e [ç], nem entre [g] e [j]. De qualquer forma, os sons [ç] e [j] raramente são sons plosivos pré-palatais ou palatais *stricto sensu*, como ocorre, por exemplo, no húngaro. Também ocorre, numa transcrição ampla, casos de uma pronúncia uvular como [q] em palavras como “oblíquo”. De qualquer forma, utilizar esses recursos numa transcrição ampla, além de confundir quem está iniciando seus estudos em transcrição, acabam impondo práticas “normativas” na transcrição em situações que a percepção não é favorecida. Tais sutilezas, de fato, só são claramente percebidas num estudo de fonética acústica ou em exames de palatogramas.

(l) os grafemas <ã>, <õ>, <ãe>, <ão>, <õe>

**Mãe** [ˈmɛj]

**Mão** [ˈmɛw]

**Põe** [ˈpõj]

**Romã** [hoˈmɛ]

**Coração** [koraˈsɛw]

**Órfão** [ˈɔrfɛw]

O sistema fonológico do português prevê a existência de vogais nasais (seja como fonemas autônomos, seja como resultado final de transformações, dependendo da teoria fonológica). Numa transcrição fonética ampla, o diacrítico que representa a nasalidade (isto é, o *til*), quando se reveste desse valor fonológico, deve aparecer sempre. Observe que o “<a> nasal”, ou seja, o fonema /ã/ de algumas interpretações fonológicas, no nível fonético, quase nunca é um som aberto, mas um som semiaberto, que tem diferenças sutis nas variantes da língua portuguesa, desde uma pronúncia mais semifechada, como [ã̃], até uma mais semiaberta, como [ã̃̃], [ẽ̃] ou [õ̃]. Optou-se pelo símbolo [ẽ̃] em nossa transcrição ampla, até que pesquisas em fonética acústica esclareçam melhor esse ponto em estudos que envolvam aspectos de variação regional e sociolinguística. De qualquer forma, uma transcrição como [ã], ou seja, uma vogal aberta nasal, é quase sempre um erro, embora haja suspeitas de que exista em algumas variantes de caráter geolinguístico.

(m) o grafema <l>

**Maldoso** [mawˈdozu]

**Sol** [ˈsɔw]

**Ágil** [ˈaʒiw]

**Último** [ˈuwtʃimu]

**Painel** [pajˈnɛw]

**Ilegal** [ileˈgaw]

**Claro** [ˈklarɔ]

**Calda** ['kawda]  
**Cauda** ['kawda]  
**Brasil** [bra'ziw]  
**Israel** [isha'ɛw]

Traço marcante da pronúncia brasileira é a equivalência entre o <l> em posição de coda e o vau [w]. Tal fenômeno é raro e dialetal em Portugal, onde, nessas posições existe uma lateral velarizada [ɫ], portanto, “cauda” não tem a mesma pronúncia de “calda”, pois esta última, no português europeu (e africano) se pronuncia ['kaɫda]. No Brasil, essa pronúncia, contudo, tende à extinção, embora, aparentemente fosse comum na primeira metade do século XX. Dito de outro modo, a passagem [ɫ] > [w] é um fenômeno diacrônico conhecido como *vocalização*, que possibilitou a existência de vários novos ditongos no português brasileiro, como [ɔw] e [uw], inexistentes em Portugal, onde são pronunciados [ɔɫ] e [uɫ]. Na mesma posição, no Brasil, encontram-se outras pronúncias para a realização desse suposto fonema /l/ em posição de coda, tais como neutralizações com consoantes retroflexas (sudeste, sul e centro-oeste) ou ainda laterais alveolares/dentais (sul): “sol” pode ser pronunciada, nesses casos, ['sɔɫ] ou ['sɔl]. Em Portugal também há uma tendência recente para pronunciar como [ɫ] qualquer realização do fonema /l/, não só em situação de coda.

(n) os grafemas <t>, <d>

**Tabela** [ta'bɛla]  
**Telha** ['teɫa]  
**Tímido** ['tʃimidu]  
**Data** ['data]  
**Dívida** ['dʒivida]  
**Dúvida** ['duvida]  
**Deste** ['destʃi]  
**Desde** ['dezdʒi]

As pronúncias brasileiras também têm uma outra inovação inexistente nas variantes de Portugal: trata-se da transformação de [t] > [tʃ] e de [d] > [dʒ] diante dos sons [i] e [j], que ocorreu em alguns estados (Minas Gerais, Rio de Janeiro) e se tornou norma sobretudo nas capitais e cidades maiores de todos os estados (com exceção do Rio Grande do Norte e, em menor medida, Pernambuco, Paraíba e Alagoas). Essa transformação parece ocorrer também em algumas localidades da África. Sons como [tʃ] e [dʒ] são chamados de *africados*, porque combinam numa única articulação um som plosivo e um fricativo. Há outros tipos de africados nas línguas do mundo: [ts], [dz], [pʃ] etc. Trata-se também de uma coarticulação e, portanto, o diacrítico utilizado numa transcrição estreita (ou seja, quando há a distinção entre um som africado e uma sequência de plosiva e fricativa) é um arco que sobrepõe os dois sons: [tʃ̆] ou [dʒ̆]. Esse diacrítico, contudo, é dispensável em transcrições da língua portuguesa. Outras coarticulações não-africadas são possíveis, por exemplo, entre duas plosivas, como ocorre em muitas línguas da África: [ɡb̆] e [kp̆]. Em Portugal, o som [d] intervocálico modificou-se para a fricativa interdental [ð]: “dedo” ['deðu].

(o) o grafema “vogal” antes de <m>, <n>, <nh>

**Banana** [ba'neɲa]

**Lama** ['lema]  
**Lema** ['lema]  
**Cana** ['kena]  
**Cena** ['sena]  
**Farinha** [fa'riɲa]  
**Aranha** [a'reɲa]  
**Ata** ['ata]  
**Anta** ['ẽta]  
**Lembra** ['lẽbra]  
**Ímpar** ['ĩpar]  
**Compra** ['kõpra]  
**Umbigo** [ũ'bigu]  
**Amparo** [ẽ'paru]  
**Crisântemo** [kri'zẽtemu]  
**Lenda** ['lẽda]  
**Pingo** [pĩgu]  
**Conta** ['kõta]  
**Húngaro** ['ũgaru]  
**Cantar** [kẽ'tar]  
**Ruim** [hu'ĩ] ou ['huj]  
**Assim** [a'sĩ]  
**Bom** ['bõw]  
**Também** [tẽ'běj]  
**Comum** [ko'mũ]  
**Compram** ['kõprẽw]  
**Muito** ['mũjtu]  
**Genro** ['zẽhu]  
**Quinquênio** [kwĩ'kwenju] ou [kĩ'kwenju]  
**Tem** ['těj]  
**Têm** ['těj]

Na nossa transcrição ampla, preferiu-se utilizar o diacrítico *til* apenas nos casos em que vogais nasalizadas têm *virtualmente* capacidade distintiva, ou seja, atua como fonemas. Uma palavra como “banana” pode ter pelo menos doze pronúncias correntes: [ba'nená], [be'nená], [ba'nene], [be'nene], [ba'nẽna], [be'nẽna], [ba'nẽne], [bẽ'nẽne], [bẽ'nena], [bẽ'nene], [bẽ'nẽna], [bẽ'nẽne]: nesses casos, os sons [a], [e] e [ẽ] parecem vincular-se a um único fonema com restrições, pois não são comuns pronúncias como [ba'nana] ou [bẽ'nẽnẽ]. Dizemos que houve neutralização, porém, de dois fonemas /a/ e /ã/, que distinguem palavras (como se pode ver em “ata” e “anta” acima). Os sons [a] e [e] contudo não formam fonemas distintos nas variantes do Brasil, mas sim em Portugal: “a menina” [e'mnine] vs “à menina” [a'mnine], “cantamos” (presente do indicativo) [kẽn'temu] vs “cantámos” (pretérito perfeito do indicativo) [kẽn'tamu], “para” (preposição) [pere] vs “para” (verbo) ['pare]. Além disso, no português europeu, o som [e] é comumente mais anterior do que no Brasil e seria estritamente representado como [e̞]. A neutralização de três fonemas distintos pode ocorrer, por exemplo, em “lema” que pode ser pronunciado ['lema], ['lẽma] ou mesmo ['lẽma], como se ouve no oeste paulista. A perda de distinção de fonemas criava aquilo que os estruturalistas chamavam de *arquifonema*, conceito de fundamentação ideal pois não se refere a nenhum sistema particular e ao mesmo tempo problemático, porque diferenças do número numa língua (entendida como

um só sistema) ficam inexplicadas. Além do som [ẽ], ouve-se, sobretudo em São Paulo, [ẽj], não apenas em posição final: “lembra” [ˈlẽjbra]. Em Portugal, ocorre a forma [ẽj]: “lembra” [ˈlẽjbre]. Também [õw] é uma variante comum de [õ] em várias regiões do Brasil: “compra” [ˈkõwpra]. Em Portugal, uma consoante homorgânica é bastante comum entre a vogal nasal e a consoante subsequente, fenômeno que não é desconhecido do Brasil: “compra” [ˈkõmpre], “lenda” [ˈlẽde], “pingo” [ˈpĩngu]. Em Portugal, “tem” se diz [ˈtẽj] e “têm” [ˈtẽjẽj]. A grafia <am> para a terceira pessoa de vários tempos verbais é uma sobrevivência de uma grafia do português arcaico e sempre equivale ao ditongo [ẽw]: “compraram” [kõˈprarẽw] equivale ao pretérito perfeito do espanhol *compraron* e também ao mais-que-perfeito *compraran*.

(p) o grafema <x>

**Xícara** [ˈʃikara]

**Deixar** [dejˈʃar]

**Trouxe** [ˈtrowsi]

**Complexo** [kõˈpleksu] ou [kõˈplekisu]

**Exímio** [eˈzimju]

O grafema <x> tem quatro possíveis equivalências em IPA na língua portuguesa [ʃ], [s], [ks] e [z], cujas distinções são amplamente explicadas pelos estudos diacrônicos. O caso de “trouxe” é um arcaísmo gráfico, pois equivale a uma forma antiga cuja pronúncia deveria ser \*[trowʃe] combinada com uma outra variante arcaica *trousse*, de maior frequência na língua falada.

(q) Encontros consonantais silabificados

**Apto** [ˈapitu]

**Absurdo** [abiˈsurdu]

**Psicológico** [pisikoˈlɔziku]

**Ritmo** [ˈhitʃimu]

**Hipnose** [ipiˈnɔzi]

**Administrar** [adʒimɪnisˈtrar]

**Helicóptero** [eliˈkɔpiteru]

**Spam** [isˈpẽ]

**Déficit** [ˈdefisitʃi]

Nas variantes do português brasileiro, é muito comum a tolerância de apenas alguns encontros consonantais, a saber consoante+[r], consoante+[l], [s]+consoante, [z]+consoante (ou suas variantes [ʃ]+consoante e [ʒ]+consoante, mesmo assim há restrições, por exemplo, no caso “consoante+[r]”, a consoante normalmente é uma plosiva ou uma fricativa labiodental. As restrições também podem ser posicionais, assim, um encontro como [vr] pode ocorrer no meio de uma palavra (como em “livro”), mas não no início de uma palavra. Qualquer encontro consonantal não-tolerado requer um [i] que muitas vezes é pronunciado de forma ensurdecida [i̠] ou sussurrada [i̠̠], embora esses diacríticos não sejam usados numa transcrição ampla. O surgimento dessa vogal aumenta o número de sílabas, sendo possível a criação de palavras com acentuação mais recuada que a proparoxítona, por exemplo, em “helicóptero”, a palavra se torna pró-proparoxítona por causa desse acréscimo silábico. Do ponto de vista diacrônico, o surgimento dessa vogal se diz uma epêntese quando no meio de uma palavra, mas é uma

próstese se ocorre no início (como no caso de “spam” acima) ou uma paragoge se no final (como no caso de “déficit” acima).

(r) Os grafemas vocálicos pretônicos e postônicos não finais

**Encomenda** [ĩko'mẽda]

**Inverter** [ĩver'ter]

**Eleitor** [elej'tor]

**Reforma** [he'fõrma]

**Sentido** [sẽ'tʃidu] ou [sĩ'tʃidu]

**Abóbora** [a'bõbora] ou [a'bõbura] ou [a'bõbra]

**Menino** [mi'ninu]

**Retina** [he'tʃina]

**Menor** [me'nõr]

**Bonito** [bu'nitu]

**Colorido** [kolo'ridu]

**Esbarrar** [izba'har]

**Estragar** [istra'gar]

**Pêssego** ['pesequ] ou ['pesigu]

**Época** ['epoka] ou ['epuka]

**Útero** ['uteru]

Vogais átonas não-finais têm uma diversidade e uma irregularidade maior na equivalência com a grafia tradicional. Muitas formas são antigas: a forma [mi'ninu] remonta ao século XIII e quando se fala de “alçamento” sobretudo na transformação de vogais semifechadas em fechadas é preciso entender esse fenômeno como diacrônico, embora muitos modelos transformacionais (estruturalistas ou gerativistas) tenham explicações de cunho sincrônico e posicional. As exceções, contudo, são tão numerosas quanto as advenientes da aplicação de regras fonéticas diacrônicas.

(s) Monotongações sem representação grafemática

**Peneira** [pe'nera] ou [pe'nejra]

**Queijo** ['keʒu] ou ['kejʒu]

**Deixar** [de'ja] ou [dej'jar]

**Outro** ['otru] ou ['owtru]

**Resolver** [hezow'ver]

**Feira** ['fera] ou ['fejra]

**Manteiga** [mẽ'tega] ou [mẽ'tejga]

**Julho** ['ʒuʎu]

**Júlio** ['ʒulju] ou ['ʒuʎu]

**Olhos** ['ɔʎus]

**Óleos** ['ɔljus] ou ['ɔʎus]

A transformação diacrônica de [ej] em [e] ocorreu não só no Brasil, mas também no sul de Portugal, de onde ela possivelmente é originária e ocorre mais comumente antes de [r], [ʃ] e [ʒ]. Em algumas regiões a monotongação também ocorre antes de outros sons: “teimar” [te'ma], “treinar” [tre'na]. O caso de “manteiga” é único, uma vez que outras palavras com o mesmo

contexto fônico não promovem a monotongação como “leigo” [ˈlejgu]. A monotongação de [ow] em [o] é considerada coloquial no Brasil, já em Portugal a manutenção do ditongo [ow] é índice de variante geolingüística (falares do norte). Já o ditongo [ow] decorrente da vocalização de um antigo [ʃ] na posição de coda inexistente em Portugal e não monotonga facilmente no Brasil. A sequência [lj] nem sempre se distingue de [ʌ], causando uma nova monotongação.

(t) Encontros grafemáticos vocálicos (hiatos/ditongos)

**Piada** [piˈada] ou [ˈpjada]

**Gracioso** [grasiˈozu] ou [graˈsjozu]

**Cientista** [siẽˈtjista] ou [sjẽˈtjista]

**Mágoa** [ˈmagua] ou [ˈmagwa]

**Instantâneo** [ĩstẽˈtenju]

Por meio da *sinérese*, duas sílabas em hiato podem fundir-se numa só ditongada e um [u] átono torna-se [w] assim como um [i] átono torna-se [j]. Isso ocorre devido à velocidade da fala e por razões métricas.

(u) Ditongações sem representação grafemática

**Arroz** [aˈhojs] ou [aˈhos]

**Luz** [ˈlujs] ou [ˈlus]

**Capaz** [kaˈpajs] ou [kaˈpas]

**Voz** [ˈvojs] ou [ˈvos]

**Dez** [ˈdejs] ou [ˈdɛs]

**Três** [ˈtrejs] ou [ˈtres]

**Chinês** [ʃiˈnejs] ou [ʃiˈnes]

Em muitas variantes do português brasileiro, ocorre uma epêntese de um iode antes de um [s] ou um [ʃ] finais em palavras oxítonas. Em algumas localidades, sobretudo no Rio de Janeiro, essa epêntese ocorre também na sílaba tônica com coda terminada nessas consoantes (ou suas correspondentes sonoras [z] e [ʒ]) ou mesmo em sílabas átonas: “mesmo” [ˈmejzmu], “meninas” [miˈninajj]. Uma outra ditongação, observada no Rio de Janeiro e Pará, é a formação de ditongos coma semivogal central semifechada, como um *schwa*; “menina” [miˈni̯əna].